

Rede SOA SIRENE

**A exemplo
de Saturno
(de Goya) o
mercado
(de minério)
devora o que
estiver no
seu caminho**



EDITORIAL

A construção da Rede Soa Sirene anda por caminhos áridos, porém a passos firmes e decididos. Para esta edição a equipe do Coletivo MICA esteve em várias cidades do quadrilátero ferrífero mineiro, onde colheu os textos ora publicados. Não houve uma pauta prévia, nem pesquisa por respostas. As questões estão publicadas tal qual vieram, espontaneamente. Para surpresa dos editores as narrativas estão conectadas por um eixo comum: medo, dor e incertezas. Os que assistem as tragédias com recuo geográfico, o medo de terem destino idêntico e a impotência diante do sofrimento dos atingidos. Some-se a ausência de informações sobre os riscos que correm, como relatam membros do Coletivo Nós, por exemplo, de Nova Lima. Sabem que a destruição pode vir. E se vier, será pelo rompimento de barragens ou pelo afundamento do solo, oco pela ação da exploração mineral desde o século 18?

O sentimento dos que sofreram a destruição na pele é intraduzível. Só entende quem está passando pelo processo. Sim, verbo no gerúndio, porque mais de três anos desde o rompimento da barragem de Fundão não foram suficientes para curar

as feridas dos que perderam suas casas e meio de vida, para citar apenas bens materiais. Até hoje não houve reparação das perdas, como exemplifica o caso de Governador Valadares. O tsunami de lama acabou com a tranquilidade dos que estavam no seu caminho, provocando danos à saúde das pessoas. A calma das mineradoras em responder efetivamente aos problemas agrava e gera distúrbios emocionais difíceis de superar, como esclarecem integrantes do Conviver, organização voluntária, formada por profissionais da saúde de Mariana, para ajudar os atingidos na adaptação à nova vida, aliás, precária. Em Brumadinho a história se repete, agravada pelas mortes imediatas. O que têm pela frente é incerto, assim como continua sendo para as populações próximas ao Rio Doce.

As soluções apresentadas para os riscos de rompimento são patéticas, como mostram as matérias sobre a BR 356 e o Muro projetado para Barão de Cocais. Este cenário permite fazer analogia à tela de Francisco Goya - Saturno devorando um filho, cuja leitura evoca a destruição da própria prole para manter-se no poder.

Esperamos receber mais denúncias e experiências positivas, como exemplificam as ações do Projeto



Conviver, de Mariana. São caminhos que podem ser úteis para situações semelhantes.

**Leia, compartilhe, dê sua opinião.
Juntos somos mais fortes.**

Expediente

Informativo da Rede Soa Sirene:
pelo direito à comunicação das comunidades vulneráveis à mineração.
Ano 1, N. 001, maio de 2019.

Realização: Coletivo MICA - Mídia, Identidade, Cultura e Arte
www.coletivomica.org.br
Rua Cobre, n 99, apto 406 - Bairro Cruzeiro, CEP 30.310-190
Belo Horizonte MG - Telefone 031 9 92927799

CAPA: Saturno devorando um filho, de Francisco Goya.
Óleo sobre reboco trasladado a tela. Museu do Prado. Madrid
Projeto Gráfico e Editoração: Raphael Newman

Parcerias:

Jornal A Sirene

<http://jornalasirene.com.br/>

Pulso Comunicação e Conteúdo

Av. Carlos Gomes de Sá, 335, Mata da Praia
Vitória, ES 29066-040 - Tel: 55 27 2104-0844

Patrocínio: Fundação Luterana de Diaconia FDL

A morte dos amigos, dos sonhos e da memória

por Sara Souza

Sou nascida e criada em Córrego do Feijão. Tenho 38 anos de história na minha comunidade. Tive minha infância toda aqui, aqui me casei e tive meus filhos.

Meus avós Antônio Santana e Maria José - Dona "Cota"-moravam no comecinho da comunidade, numa casa grande de terrenos frutíferos e cachoeira. Na beirinha da estrada, tinha uma porteira. Essa estrada era nosso trajeto à Brumadinho passando dentro da mineradora Vale. Ali havia um morro que se chamava Morro do Santana por causa do meu avô. Hoje, não existe mais. A casa e o terreno encontram-se debaixo da lama. Uma história que eu tinha e hoje não tenho mais.

Infelizmente não foi só isso. Quando saio no meu portão e vejo a Conceição, minha amiga e irmã em Cristo, abrindo as portas da igreja é uma tristeza! Lembrar do senhor Levi desaparecido na lama, andar na rua e ver as filhas da minha amiga Marina, ver dona Jandira mãe da minha amiga Dirce, ver Eva e lembrar do seu filho Wesley. Lembrar de Zinho que todos os dias me cumprimentava enquanto lavava seu carro após um dia de trabalho na Vale.

Caminho e vejo os netos da minha amiga Guiomar, o filho da Jussara, os filhos da Cristina. Meu Jesus! Ver a tristeza da Ilda com a perda do filho Adail. Dona Conceição com a tristeza da perda do filho Gilmar. A Ziza com a tristeza da perda do filho Reinaldo. A Cota com a tristeza da perda do filho Rodrigo. Jalmita com tristeza da perda da filha Fernanda.



FOTO: Carmem Guimarães

Não dá nem para falar da Lucilene que perdeu a filha Pamela, o neto Heitor e o genro. Foi um milagre tirar Paloma da lama. É muita tristeza aqui!

E aquela linda menina que em 2009 veio pra nossa comunidade? Laís Gabrielle com 4 aninhos. Ela conheceu seus primeiros amigos aqui na escola de Córrego do Feijão. Partiu, tão cedo!

Quantos outros amigos de Brumadinho. Essa é minha história, história que não será corrigida ou reparada. Nem das estradas me lembro mais. Tudo se foi nesse mar de lama e sangue. Que seja feita justiça!

Mataram nossos amigos, nossos sonhos, nossa história. E o Córrego do Feijão que poucos conheciam, hoje é só lembranças, dor e sofrimento! #justiça é o que pedimos.

O som da despedida

por Lui Pereira

A música tem o poder de nos encantar, de nos fazer dançar, mas sobretudo, tem o enorme poder de evocar lembranças em cada um de nós. Por vezes, não recordamos com clareza de acontecimentos comuns às nossas vidas, mas algumas canções trazem memórias que de outra forma jamais seríamos capazes de lembrar.

São assim as músicas de casamentos, aniversários, primeiros beijos ou até mesmo, algumas situações especiais só pra gente, quando às vezes nem sabemos o motivo, mas aquele som nos faz lembrar.

Na cidade de Brumadinho, as Bachianas Brasileiras nº5, do compositor Heitor Villa Lobos, precede os anúncios de falecimentos. Para o brumadinhense, essa já se tornou a canção da despedida.

Em 2005, a prefeitura adquiriu um sistema de som para o cemitério municipal. Desde então, os anúncios dos falecimentos são feitos pelo coveiro que estiver em horário de trabalho no momento, obedecendo regras rígidas.

Seguindo o ritual prescrito, o coveiro de plantão toca um trecho da música, logo após, informa de maneira respeitosa o falecimento. O protocolo ainda pede a repetição do anúncio outras duas vezes, caso algum distraído tenha perdido a notícia.

No município de 37 mil habitantes, o ritual acontecia em uma frequência entre duas a quatro vezes ao mês. Logo após o crime do rompimento da barragem do Córrego do Feijão e nas semanas seguintes, a canção passou a ser tocada entre quatro, cinco vezes por dia.

“Ouvíamos a música de vez em quando, mas depois do rompimento ela insistia em tocar toda hora” diz o turismólogo Junio Cesar. O incômodo do lembrete e o alívio de ter mais um corpo encontrado se evidenciam em suas palavras.

Para as irmãs Thayse e Layse, moradoras do Bairro do Carmo, “o clima da cidade está muito ruim, mas aos poucos as pessoas tentam retomar a vida”.

Lentamente, a música passa a tocar em uma frequência menor, mas enquanto o último corpo não for encontrado, ela continuará sendo ouvida mais do que deveria. A morte é parte de nossa vida e tal como o rio deve seguir seu caminho, seu destino.

SOLIDARIEDADE PARA AJUDAR ATINGIDOS DE MARIANA

Negligência da Samarco impulsiona a criação de grupo terapêutico independente para cuidar das famílias

por Coletivo MICA



FOTO: Agência Brasil

Um grupo de profissionais da área da saúde mobilizou-se, ainda em 2015, para cuidar especificamente da saúde mental dos atingidos de Mariana. Uma equipe formada por psicólogos, terapeutas ocupacionais e psiquiatras criou o Projeto Conviver, com a finalidade de auxiliar as famílias atingidas no processo de regeneração e reconstrução de suas vidas. O grupo busca ajudar as famílias na adaptação às novas rotinas e a lidar com as perdas.

Esta iniciativa surgiu devido até o momento, após mais de mil dias do estouro da barragem de Fundão, os atingidos não terem superado o trauma vivido. Não receberam as novas moradias e muitos ficaram com a saúde abalada, talvez para sempre.

A psicóloga Maíra de Almeida Carvalho, técnica do Conviver, afirma que grandes traumas mudam a rotina das pessoas. Explica que antes mesmo do crime ocorrer, muitos dos atingidos da Samarco já necessitavam de acompanhamento psicossocial especializado por outras razões, porém, os desgastes posteriores ao rompimento aguçaram os distúrbios. Para a profissional

“muitas demandas aparecem, como sofrimento social relacionado às violações de direitos, violências das empresas, pela situação de vida provisória, espera pela casa, reassentamentos comunitários e indenizações”.

Tanto Maíra, quanto Marina França, também psicóloga do Conviver, deixam claro que os danos a saúde mental dos atingidos não dizem respeito apenas ao evento em si, mas a todos os seus desdobramentos e, por isso, a atenção psíquica e social deve ser a longo prazo. “Entendemos ser um contexto de desastre em curso, em que os danos e impactos não dizem respeito somente às rupturas do dia 5 de novembro, mas também aos conflitos e as novas configurações decorrentes das alterações dos modos de vida. A construção do cuidado em saúde mental deve acompanhar esses processos de perpetuação de sofrimento de forma longitudinal”.

A experiência do grupo de profissionais criado em Mariana, para assistir as famílias atingidas, pode servir de inspiração para outros contextos, onde tragédias semelhantes ocorreram.



FOTO: Wilson Júnior/ Estadão Conteúdo

Alcoolismo e outras doenças atacam quem está perto de barragens

por Carmem Guimarães

O medo de viver próximo a barragens causa inúmeros transtornos aos habitantes dessas localidades. De distúrbios emocionais a alcoolismo. Até mesmo as atividades culturais correm risco de cancelamento pela falta de informações confiáveis sobre o estado das barragens. Assim como Goya retrata "Saturno devorando seu filho", o Deus do mercado continua matando sua prole, muitas vezes de forma lenta e sutil. A empresa diz que a população está bem, porém, dados oficiais mostram que em Congonhas, por exemplo, acontece o contrário.

Segundo relatórios do posto de saúde que atende o bairro Residencial, localizado abaixo das estruturas da barragem Casa de Pedra, da Cia Siderúrgica Nacional, o número de pacientes em busca de acompanhamento psicológico aumentou 70% após o que aconteceu em Brumadinho. Os índices de alcoolismo e a procura por tranquilizantes também saltou nos últimos meses. Mais do

que isso. Segundo o presidente da Associação de Moradores do bairro Residencial, Warley Costa Braúnas, desde janeiro, 40 famílias se mudaram do local.

Braúnas acrescenta que a insegurança tende a suspender as atividades culturais e religiosas da cidade. "Não sabemos se as festas de Congado, em junho e as festas julinas poderão acontecer. O Congado atraía uma média de 800 pessoas de várias partes do estado para o bairro, mas agora não temos segurança nenhuma e não queremos arriscar as vidas das pessoas".

A este respeito a psicóloga Maíra Carvalho, do Conviver, esclarece que o risco de rompimento pode causar situações de medo, estresse e ansiedades diversas, além de sintomas que aparecem somatizados no corpo, como gastrite e alteração da pressão arterial. Além dos cuidados em



ILUSTRAÇÃO: Campanha para AA / Agência J Walter Thompson

saúde, é importante que as comunidades se mobilizem e entendam a dimensão política desses processos. A informação correta sobre os riscos, o diálogo junto aos responsáveis por políticas de assistência social, como a Defesa Civil, podem devolver a tranquilidade perdida. No entanto, sem transparência e repasses de informações da parte das mineradoras não há como buscar formas de proteção e prevenção, adverte a psicóloga.



Nova Lima: Refém da exploração mineral

por Coletivo
“Nós, por exemplo”

FOTO: Marcelo Prates /Arquivo Hoje em Dia

De repente percebemos que estamos num campo minado. Não só porque estamos envolvidos pela mineração, mas no sentido da ameaça que nos cerca de todos os lados: as barragens de rejeitos podem destruir populações, fauna e flora, rios e lugares de vida em minutos.

Não sabemos de onde vem o perigo, não conhecemos os mapas nem as possíveis trajetórias da lama. Na região de Nova Lima, reina até agora a desinformação.

Desconhecemos o número e a localização das barragens da região, o percurso dos rejeitos que o rompimento delas pode

fazer, os danos que provocariam, ou as necessárias medidas paliativas. As estratégias preventivas são nebulosas. Causam pânico e medo aos moradores, comerciantes, trabalhadores e visitantes.

O poder público parece estar mais preocupado com a queda da arrecadação do que com os impactos negativos que a atividade mineradora possa causar sobre a população.

Esse é o resultado de estarmos, há séculos, reféns da exploração de nossas riquezas pelo capital, quase sempre estrangeiro, estranho aos nossos interesses, nossa terra e nossa gente.

ENTRE AFUNDAR E SOTERRAR

Qual é a real situação do subsolo da cidade de Nova Lima? Com o abandono da mineração de ouro na década de 1990 as minas estão inundadas? Que cuidados têm sido ou deveriam ser tomados e que riscos corremos?

A sucessão de rompimentos e instabilidades das barragens de mineração são sintomas da insensatez humana, a ponta do iceberg da imensidão de problemas da mineração predatória, e nós, governos e população, insistimos em ignorar ou deixar pra depois.

Nós, por exemplo

Imbuídos deste sentido de urgência, em busca de informações concretas e do propósito de integração da população, o Coletivo “Nós, por exemplo” se constituiu há alguns meses, reunindo pessoas de diversos locais.



Os trabalhos já começaram. Participe. Entre em contato pelo e-mail nosporexemplo.nl@gmail.com

Nossa Rede de Apoiadores

Amigos de Brumadinho [facebook.com/pages/category/Charity-Organization/Amigos-de-Brumadinho](https://www.facebook.com/pages/category/Charity-Organization/Amigos-de-Brumadinho)

Associação Nossa Cidade www.nossacidade.net/pessoas/nossacidade

ASPEC - Associação dos Pescadores de Conselheiro Pena e Região lelisbarreiros@hotmail.com

Coletivo Aliança Rio Doce www.aliancariodoce.org

Coletivo Ceramística hauleyvalim@yahoo.com.br

Coletivo Comadres [facebook.com/ColetivoComadres](https://www.facebook.com/ColetivoComadres)

Coletivo Flor de Rio hauleyvalim@yahoo.com.br

Coletivo Nós

Coletivo Nós, por exemplo nosporexemplo.nl@gmail.com

Comitê Popular dos Atingidos pela Mineração em Itabira e Região www.facebook.com/ComitePopularItabira/

Colônia Z 43 - Colônia de Pescadores Artesanais e Aquicultores de Conselheiro Pena e Região 033 9 88857524 / 033 9 84173778

Forum Permanente da Bacia do Rio Doce http://wikiriodoce.org/Forum_Permanente_da_Bacia_do_Rio_Doce

Jornal A Sirene <http://jornalasirene.com.br>

MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens www.mabnacional.org.br/

Movimento Regenera Rio Doce contato@regenerariodoce.org

Pulso Comunicação e Conteúdo www.agenciapulso.com.br/

Povo Indígena Krenak <https://justicekrenac.com>

WikiRioDoce - Enciclopédia da Regeneração do Rio Doce www.wikiriodoce.org

Medidas de proteção trouxeram insegurança

FOTO: JF Brittes

por Juçara Brittes

A Vale acabou de desmontar o cenário de campo minado que ergueu um mês depois da tragédia de Brumadinho, entre os quilômetros 37 e 40 da BR 356. Primeiro instalou um sistema pare e siga, montou barracões com equipes de socorro e pregou placas alternando, ao longo dos três quilômetros, indicações de risco, segurança e pontos de encontro. Na véspera do feriado de Páscoa suspendeu a medida e dividiu as duas pistas da rodovia com cones coloridos. Agora, início de junho, os sinais todos sumiram.

Este trecho BR está na área de abrangência da Barragem Vargem Grande, que se encontra em alerta de emergência nível 2, apontando inconsistências na leitura de aparelhos que garantem a estabilidade da estrutura. No entanto, uma fonte mantida em off, ligada ao setor de segurança de uma das mineradoras de Minas Gerais, declarou não ver sentido na operação da BR 356. Tudo indica ter havido pressão de setores

públicos para que alguma coisa fosse feita explicitamente. De acordo com a fonte, tecnicamente a medida seria inócua em caso de rompimento da barragem. A interdição alternada em cada um dos sentidos da rodovia gerou pânico em várias pessoas que transitavam por ali. Ficar esperando por mais de meia hora em frente a uma placa onde se lê área de risco, provoca mal estar até nas pessoas mais seguras e bem informadas.

Outro sentimento gerado foi de irritação pela perda de tempo, pelo prolongamento das viagens e pelo engarrafamento que se estendia, naqueles meses, por vários quilômetros. Prova disso é que justamente no feriado de Páscoa a medida foi suspensa. A retirada da sinalização de risco talvez seja acertada para o caso. O que a população quer é que seja garantida a segurança das barragens até que sejam totalmente extintas.

Moradores desconfiam do muro que vale” R\$ 500 milhões

por Thamira Bastos

Em Barão de Cocais, MG, os moradores das comunidades Socorro, Piteira e Tabuleiro vivem tempos de medo e desconfiança. A Vale, que chegou a marcar data para a barragem Sul Superior do Gongo Soco rebentar, e evacuou 450 pessoas do local, agora diz que pretende construir um muro de contenção para começar a retirar o rejeito. Longe de acreditar na mineradora, a população denuncia o que entende ser uma estratégia para afugentar as pessoas e, assim, iniciar um novo período de exploração mineral.

Segundo Rogério Souza Reis, membro da Comissão de Ribeirinhos de Barão de Cocais, a empresa não mencionou a obra em reuniões. "Esse assunto do muro apareceu pra gente há uns dois meses, quando as pessoas começaram a ser retiradas de suas casas, com sirene e tudo. Passou um mês e meio e aí eles apareceram com o projeto desse muro, orçado em 500 milhões de reais. A Vale afirma que após a retirada do material o muro será demolido, porém os moradores duvidam da promessa. "Nós não acreditamos que este muro seja provisório. Não acreditamos nessa história da Vale", afirma Reis.



Estrutura de Contenção em Concreto Rolado (CCR), ilustração encaminhada pela Vale para Licenciamento Ambiental Ferrosos

A suspeita de que o investimento seja o início de um novo projeto de exploração mineral, tem base em uma autorização solicitada em 2011, para realizar estudos espeleológicos e identificação de cavidades. A questão foi encaminhada para audiência pública da CPI de Brumadinho na Câmara Federal, realizada na Câmara Municipal de Barão de Cocais, em maio último.

Graves problemas na atuação da Renova em Governador Valadares

por Diego Jeangregório Martins Guimarães¹

Para começar a fazer uma breve análise da atuação da Fundação Renova na região de Governador Valadares, partimos de três eixos centrais que estão intimamente imbricados: a questão dos atingidos, os 42 programas desenvolvidos pela Fundação para recuperação dos danos causados e indenização daqueles que não puderem ser reparados, e por fim, o sentimento atual e as perspectivas com relação ao futuro.

No que se refere à questão dos atingidos emergem os grandes problemas na atuação da Fundação Renova. Existem grupos de atingidos que ainda não foram reconhecidos enquanto tal. Os impactos foram de grande extensão, alcance e amplitude e a Fundação por vezes não reconhece diversas situações/ problemas como decorrentes do desastre da Samarco/Vale/BHP de 2015. Impactos e impactados, direta ou indiretamente, bem como violações de direitos de diversas ordens por vezes são negligenciados. Sejam impactos de ordem econômica, social, cultural, ambiental, subjetiva e simbólica. Tais impactos são verificados tanto em populações de área urbana, como em área rural. E isso precisa ser devidamente reconhecido e tratado na mesma proporção da gravidade dos problemas.

Mas isso não é o mais grave. É possível perceber por vezes, que para a Fundação, aparentemente os atingidos são tratados apenas como um número, um dado a ser inserido em planilhas e gráficos. Sem qualquer mecanismo que os fazem ter voz ativa nos processos e instâncias decisórias. São simplesmente expectadores e tem uma postura de receptores de ações e instrumentos previamente definidos e formatados. Por essa razão inclusive, que o Ministério

Público propôs um documento chamado TAC-Governança para garantir juridicamente que os atingidos tivessem voz ativa nas instâncias e espaços de tomada de decisão. O fato é que o TAC-Governança e os instrumentos por ele previstos ainda estão sendo implementados nessa região, o que vem atrasando ainda mais o início de uma efetiva reparação integral dos danos.

Por mais que se argumente que a Fundação Renova vem atuando em seus 42 programas durante esses quase 3 anos desde a sua constituição, é possível perceber que por diversas vezes essa atuação não atende de fato a necessidade dos atingidos, sendo necessária uma completa e profunda revisão no cadastro de atingidos e na matriz de danos a fim de que sejam devidamente incluídos impactados e impactos que são negligenciados. Ainda no segundo eixo de análise da atuação da Fundação Renova: o desenvolvimento dos 42 programas, percebe-se que do ponto de vista do planejamento e da propositura, os programas são de certa forma importantes e até mesmo necessários. Entretanto, do ponto de vista da execução é imprescindível uma profunda reavaliação da forma com que as coisas estão sendo conduzidas. Precisa ser feita uma análise para que os programas sejam executados de forma integrada e não de forma pontual com um programa ou outro sendo implementado em um lugar, outro programa em outro lugar, como vem acontecendo. Da forma como as coisas estão caminhando a sensação que fica para as comunidades é de pouca, quando não, nenhuma efetividade dos programas desenvolvidos.

Inclusive importa destacar que no dia 12 de abril de 2019 aconteceu

uma audiência pública na Câmara dos Vereadores de Governador Valadares/MG para cobrar da Fundação Renova explicações sobre a captação alternativa de água pra abastecimento da população urbana da cidade, bem como cobrar explicações sobre os impactos e danos relacionados à saúde dos atingidos. Sobre a captação alternativa de água a Renova apresentou dados, relatórios, cronogramas, planilhas, etc. para tentar justificar a morosidade das obras. Já com relação à saúde a situação é ainda mais grave. Diversos impactos de diversas ordens na saúde do povo da nossa região estão sendo invisibilizados e assim, negligenciados.

No que se refere ao terceiro eixo de análise da atuação da Fundação nessa região, que é o sentimento e as perspectivas com relação ao futuro, tem-se uma completa sensação de incerteza e insegurança. Além da falta da participação dos atingidos, e de todos os problemas que decorrem disso, falta clareza na comunicação das ações, falta precisão nas informações, falta uma transparência efetiva para que a sociedade possa pelo menos compreender a situação em que vivemos. Não se sabe ao certo diversas questões relacionadas aos diversos problemas de diversas ordens. Qualidade da água do Rio Doce para irrigação e dessedentação animal, possibilidade de contaminação da produção de alimentos, possibilidade de desencadeamento de impactos na saúde humana, medidas de reparação ambiental e recuperação da fauna e da flora dos ecossistemas atingidos, até mesmo os parâmetros que são utilizados nos diversos monitoramentos devem ser revistos em razão das alterações provocadas pelo desastre de 2015.

¹ Advogado. Professor de Direito Ambiental na Universidade Vale do Rio Doce – Univale em Governador Valadares. Mestre em Gestão Integrada do Território. Pesquisador integrante do Observatório Interdisciplinar do Território (OBIT)